

ELIDA TESSLER



Uma Linha do Horizonte e outros alinhamentos prováveis

RESUMO

Este texto trás à superfície todo o processo de elaboração do trabalho “Horizonte provável” a partir do caderno de anotações da artista, onde foram transcritas inúmeras passagens literárias e filosóficas que dizem respeito ao ato de criação no âmbito das artes visuais. O objetivo é entrelaçar a arte e a literatura, tanto no contexto poético da obra quanto em sua possibilidade de reflexão crítica. Os verbos no infinitivo resguardam o espírito utópico.

PALAVRAS-CHAVE

Arte contemporânea - utopia - arte e literatura.

UMA LINHA DO HORIZONTE E OUTROS ALINHAMENTOS PROVÁVEIS¹

Para Edson

"A constelação é a possibilidade mais simples de organizar a poesia fundada na palavra. Como um grupo de estrelas, um grupo de palavras forma uma constelação. Duas, três ou mais palavras – não é preciso que sejam muitas – ordenadas vertical e horizontalmente: se estabelece uma relação idéia-coisa. E eis tudo!"

Eugen Gomringer, 1955

Uma linha

De um ponto a outro, todas as possibilidades. Horizontal. Vertical. Diagonal. Paralela. Perpendicular. Transversa.

A circunferência de uma idéia e as suas tangências com o que está dentro e fora: topologias.

No início era o verbo. Em sua forma infinitiva: o **ar** do **falar**. O **er** do **ser**. O **ir** de um mais além. Ou quase.

Escrever. Ler. Dizer. Saltar. Inventar. Sonhar. Esperar. Conduzir. Tecer. Desenhar. Urdir. Alinhar. Traduzir?

Todas as terminações como um princípio de gesto. Nascente de rio. Rio abaixo. Rio acima. Leito e vau.

Baixio. Passo. Passagem. Dia e noite. Noite e dia. Oscilações de quem **quer ver** a linha **nascer** enquanto o rio morre no mar.

Esta é uma linha específica: aquela que configura o horizonte visto através do vidro da varanda do Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

Da cidade do Rio de Janeiro ao Mirante da Boa Viagem: Bandas do Além, primeiro nome da cidade de Niterói.

Diâmetro. **Circunscrever** sem limitar. Não pode **haver** restrições ao desejo de **tocar** a borda. Abordagens e ancoragens.

Diamante anoitece. Tudo isso à margem, cuja imprecisão é desenhada com a mesma matéria da crista da onda: espuma branca, água e ar.

Esta é uma linha específica: um fundo de rumor mais macio que o silêncio, traçada um dia após a morte de Haroldo de Campos.

Cristal. Se todo fim é um começo, levaremos em conta a falência do sentido tradicional do ANTES e do DEPOIS. Contornos.

Arredondaremos a nossa linha para que ela possa **assumir** o movimento de giro, escolhendo seu percurso, incluindo oscilações.

Um permeio com o mar, nos alertando sobre quanto cada dia é o nosso dia: não o percamos, enquanto atravessamos a ponte.

*“É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens”.*²

581 verbos no infinitivo, retirados do ensaio de Haroldo de Campos *A ARTE NO HORIZONTE DO PROVÁVEL*³, escrito em 1969.

O autor necessitou de 581 verbos no infinitivo para **escrever** um horizonte. Tomei para mim estes verbos e construí um horizonte provável.⁴

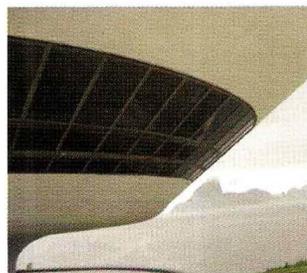
581 pratos de porcelana branca com os verbos no infinitivo gravados em seu centro com letras pretas: linha de tempo indefinido.

O verbo no infinitivo pode **transportar**: passado, presente, futuro. Ele **quer provar** o infinito, **experimentar** uma dimensão nova do tempo.

A obra habita a arquitetura em seu perímetro. Janela, bancada, parede, jardim, praia, mar e paisagem urbana. Aos poucos, como as pérolas.

*“O tempo dá voltas e curvas o tempo tem revoltas absurdas, ele é e não é ao mesmo tempo”*⁵

Cada prato tem trinta e um centímetros de diâmetro. Ainda não sabemos quanto metros tem o perímetro deste museu em curvas.



Este texto foi escrito a partir das notas por mim estabelecidas durante a concepção e montagem da exposição *HORIZONTE PROVÁVEL* no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, com curadoria de Guilherme Vergara (4 dez 2004 – 28 fev 2005)

A produção deste trabalho não teria sido possível sem a assistência de Melissa Fávero, Márcio Belloc e Vera Lago, e a contribuição dos demais integrantes do meu grupo de pesquisa “As coisas e as palavras: isto não é” que no ano de 2004 dedicou-se a refletir sobre a relação da arte com a literatura.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaios e Conferências*, Petrópolis: Editora Vozes, 2001, p.131.

CAMPOS, Haroldo. *A Arte no Horizonte do Provável*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

A exposição *HORIZONTE PROVÁVEL* foi concebida ao longo de um ano, a partir do convite do diretor do Mac Niterói, Guilherme Vergara. Durante esse período, realizei a leitura dos ensaios contidos no livro de Haroldo de Campos, sublinhando todos os verbos no infinitivo. Eu estava disposta a pensar o conceito de INFINITO, que acompanha a criação do Museu, desde a obra arquitetônica de Oscar Niemayer até a linha de ação do atual diretor. No mesmo período, foi aberta a exposição *POÉTICAS DO INFINITO*, reunindo algumas obras da arte brasileira que assumem a referida poética.

“A Constelação deve *ficar* sempre no meio do edifício”⁶

O livro *A ARTE NO HORIZONTE DO PROVÁVEL* foi inteiramente fotografado e escaneado de modo a criar uma linha contínua.

O livro, se fosse publicado *in folio*, teria 27 metros. Esta superfície impressa em papel aderiu-se a parede interna da varanda do museu.

Um horizonte

A poética do aleatório. A poética do precário. A poética da brevidade. A poética da tradução. A poética da vanguarda.

Por uma poética da tradução. Tudo isso é o que faz **existir** o livro escrito por Haroldo de Campos em 1969 em seus seis capítulos:

A arte no horizonte do provável. **Tocar** o possível e o impossível ao mesmo tempo. Rede, imprevisibilidades. Surpresas. Relações.

Idéia solar: luminosidade, brancura, alvor, alvorada. *Blanco* de Octavio Paz. *Transblanco* de Haroldo de Campos. Outras poesias.

Mallarmé: *Um coup de dés jamais n'abolira le hasard*. Salvo, talvez, por uma constelação! Este é o alerta que nos faz Haroldo de Campos.⁷

Mallarmé escreveu seu poema-partitura em 1897, abrindo as muitas novas probabilidades para a poesia. Um poema circular.

Um poema que gira semanticamente sobre si mesmo. Verso e reverso de um mesmo mar. Marulho e rumor ao fundo. Um giro.

HORIZONTE PROVÁVEL também aspira **ser** uma experiência sonora. Outra espécie de partitura, onde o museu é a pauta.

O prato é nota. O intervalo entre os pratos é pausa. Silêncio. Balbucio das conjugações. Prato-pérola-nota de um horizonte-colar-musical.

Maré. **Marear. Marejar.** Maremoto. Maresia. Marina. Margem. Murmúrio. **Navegar é preciso. Viver não é preciso** (Fernando Pessoa).

Marinheiro de primeira viagem. A boa viagem. Mar e mármore. Água dura em pedra mole colhe o furo-fruto que um dia inscreveu nela.

Pedra de roseta, enigma primeiro de nosso vocabulário. Um espanto. Um grito.

“O cosmo num grão de areia; a eternidade em um segundo”⁸

Prato-página branca. Com quantos versos se faz um poema? Com quantos pratos se constrói um horizonte?

“Do verso à constelação: função e forma de uma nova poesia”⁹

Inúmeras foram as travessias de carro pela ponte Rio-Niterói durante a concepção e montagem da exposição, sendo que na maioria das vezes escutávamos o CD de Zé Miguel Wisnik *PÉROLAS AOS POUÇOS*. A relação entre *HORIZONTE PROVÁVEL* e este CD é muito estreita, principalmente com o canção que dá título a este disco, de autoria de Paulo Neves: *Eu jogo pérolas aos poucos ao mar/ eu quero ver as ondas se quebrar/ eu jogo pérolas pro céu/ pra quem pra você pra ninguém/ que não cair na lama de onde vêm.*”

BOULEZ, Pierre. Citado por Haroldo de Campos in: CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*, SP, Perspectiva, 1977, p.20.

In: CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*, op. cit. p. 17.

BLAKE, William. In: CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*, op. cit. p. 90.

GOMRINGER, Eugen. In: CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*, op. cit. p.157



Precisamos **aprender** a navegar pelas constelações. Experiência-bússola. A idéia do infinito está no seu processo mais aberto.

Cortar o livro, linha por linha. **Cortar** é um verbo no infinitivo. A ação é um movimento que não pode **ser** obstruído pela dúvida.

Vai-se o livro. Fica o resíduo. A página-pele torna-se puro fio, estreita superfície de texto, reordenando a linha-ensaio. **Cortar é confiar.**

O litoral é uma campo inteiro servindo de fronteira para outro campo inteiro, porém diferente. A letra é um litoral. Superfície.

A literatura está na terra e no mar. Transposição a partir de quem vê e lê. O que não é palpável é provável. Territórios.

Mesmo no corte, há rasura. O estilete que escorrega da régua metálica, interrompe a letra, rasga o sentido, inventa um outro. Som.

O traço torna-se trajeto. O corte cala, é cálam. Afia-se a pena de **escrever**, antes de mergulhá-la no nankin. O texto fala.

A lâmina ilumina. *Lumínula de nada* (Haroldo de Campos). Unem-se as pontas de cada linha da página cortada. Horizonte infinito da probabilidade. Arte.

Livro-fio estendendo-se na extensão do litoral. A onda quebra na praia. O prato quebra-se também. A linha rompe uma só vez. Tudo é branco.

“Como seria mostrado o caminho mais curto de um ponto a outro senão pela nuvem que empurra o vento enquanto ele não muda de direção?”¹⁰

Enquanto estendemos o livro-fio na praia, há uma maré que sobe e uma areia áspera que esfolia a sola dos pés. Abaixo, sombras de nós.

O limite de extensão da Praia da Boa Viagem não permitiu desenrolar os 596 metros do livro-linha de horizonte. Agora não se fala nada.

Toda sobra é uma fala inacabada. “A literatura é uma acomodação de restos”¹¹

Outras probabilidades

Outros alinhamentos possíveis são aqueles que aproximam a literatura e o litoral, o literal e o leito (do rio ou do mar)?

É possível **pensar** em leito do mar? É possível **pensar** o mar como leito, e **sonhar** com o leite de suas lemanjás. **Mamar**. E rir.

Elemento branco: uma utopia. Pratos de cerâmica branca inventam um outro trópico. Nem de Câncer. Nem de Capricórnio. *Tropos*.

O tropológico é o metafórico. Façamos do radical grego a nossa rima: trópico e utópico. Tropeço no preto do prato: letra e linha.

Verbo-trampolim. Verbo sem tempo. Passado, presente, futuro, somente para quem assume o salto. Vertigem enquanto ato suprematista.

Linha de horizonte sobre linha de horizonte. Prato de porcelana branca sobre a deslizante onda branca quebrando na praia.

“O mar, quando quebra na praia, é bonito, é bonito”¹² Alguns pratos quebraram-se no trecho Porto Alegre – Niterói.

Letra preta sobre fundo branco, como o quadrado preto de Malevitch sendo a pupila de seu olho monocromático. Inconsciente ótico.

Exercício prático: **pensar** em algo que jamais pode **ultrapassar** a condição de sonho e **ultrapassar** esta idéia. **Pensar é transpor?**

¹⁰ LACAN, Jacques. *Lituraterra* in: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 22.

¹¹ LACAN, Jacques. *Lituraterra* op. cit. p. 16.

¹² Música de Dorival Caymi.

"A pátria da criação está situada no futuro; é de lá que procede o vento que nos mandam os deuses do verbo".¹³

.Abandonamos a contabilidade. Já não nos importa tanto saber com quantos paus se faz um poema, ou uma canoa, que dá no mesmo.

Só não podemos **esquecer** a caneca com alça, nossa âncora, em caso de um furo no bote enquanto estivermos remando contra a maré.

"A fantasia, o sonho, a imaginação é um lugar dentro do qual chove" (Ítalo Calvino)¹⁴

Calvino nos mostra o imaginário como repertório do potencial, do hipotético, de tudo quanto não foi nem é e talvez não seja.

Mas que poderia ter sido. *Spititus phantasticus mundus quidem et sinus inexplebilis formacum et specierum*. Isto é:

Um mundo ou receptáculo jamais saturado de formas e de imagens. Isto vem de Giordano Bruno, também citado por Calvino.

"O infinito, querido, é bem pouca coisa, é uma questão de escritura. O universo só existe sobre o papel"¹⁵

Utopia é este instante quando o acontecer acontece.



ELIDA TESSLER é artista plástica, professora do Departamento de Artes Visuais e do PPGAV do Instituto de Artes da UFRGS. Fundadora e coordenadora, junto com Jailton Moreira, do Espaço Torreão (Porto Alegre). Doutorado em História da Arte na Université de Paris I, Panthéon-Sorbonne, Paris. Organizadora junto com Blanca Brites do livro *O meio como ponto zero - metodologia da pesquisa em artes plásticas*, Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2002.

13

KHLIÉBNIKOV, Viélimir. In: CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*, op. cit. p. 11.

14

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*, São Paulo, Companhia da Letras, 1998, p. 97.

15

VALERY, Paul. apud. VILA-MATAS, Enrique, *História abreviada de la literatura portátil*, Barcelona: Editorial Anagrama, 1985, p. 8.